

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 46

Data: 23 de Outubro de 1980

Pg.: 2

O novo golpe da Jari

O relacionamento entre o Brasil e os Estados Unidos enfrentará, em futuro próximo, uma fase bastante delicada, semelhante à que atravessamos por ocasião da assinatura do acordo nuclear. Desta vez, o pomo da discórdia será o Projeto Jari, cujo proprietário, Daniel Ludwig, está exigindo de nosso governo rendição incondicional a seus interesses. E fontes altamente qualificadas da embaixada americana já informaram que Washington entrará de rijo na disputa, caso Ludwig não seja atendido.

Que quer Ludwig? Suas pretensões foram expostas em carta dirigida ao chefe do Gabinete Civil, que errou duplamente ao recebê-la. Como autoridade, deveria ter devolvido o documento ao signatário, por causa da insolência de seus termos. Como brasileiro, a devolução se faria por asco.

Mas o general Golberl optou por um caminho diferente: deu publicidade ao ultimato, através da CPI sobre a Amazônia que funciona na Câmara. Aparentemente, ele pretendeu iniciar a mobilização popular que se tornará necessária para suportar as pressões que vêm por aí. E nisso, por certo, obterá êxito, porque as exigências são simplesmente vergonhosas.

O caso das terras é um exemplo. A Jari apropriou-se de mais de um milhão de hectares além do que efetivamente comprou. Agora, Ludwig exige "arrendamento perpétuo" das áreas que classifica "em litígio". Isto nos faz lembrar que, nos tempos do colonialismo mais feroz, os arrendamentos eram impostos pelo prazo de 99 anos pelas potências da época. O velho Ludwig quer por toda a eternidade.

Brasília

Mas isto é pouco. Ele pretende plena liberdade de ação dentro do que chama de "fronteiras naturais" do Jari, que passa à condição de território independente. Os sindicatos de trabalhadores brasileiros não poderiam atuar lá, a ordem seria mantida pelos seus empregados e daí por diante.

Independente, mas nem tanto. Porque Ludwig ordena que o governo brasileiro lhe forneça energia e se incumba dos serviços públicos, desde telefone até coleta do lixo, passando pelos problemas de educação e saúde. Para não falar em financiamentos do BNH, incentivos fiscais para reflorestamento e subsídio em dinheiro para suas vendas de celulose no mercado interno.

Pois o velho Ludwig quer tudo isso, e com rapidez, no documento em que transmite ordens peremptórias a autoridades do primeiro escalão administrativo. Na impossibilidade de ser atendido, ele insinua a alternativa de passar o abacaxi para terceiros, deixando claro que inclui entre esses terceiros o nosso governo. Que seria chamado a comprar o que Ludwig quiser vender, e pelo preço que o velho estipular.

Sozinho, Ludwig não poderia impor coisa nenhuma. Mas com o governo americano ao seu lado, pretende impor. Embora com origens inglesas, os Estados Unidos não aprenderam muito nesse campo. A Inglaterra chegou a estimular a pirataria, mas não comprometia a coroa nas ações dos bucaneiros.

R. L.